

FOTO CINE
Boletim

ANO IX

N.º 98

*a mais
alta classe
em ótica...*



FOTOPTICA

Cns. Crisp. 49 - S. Bento 294 - Direita 85



O FILME
do Fotógrafo Exigente

A VENDA EM TODAS AS CASAS DO RAMO



PAPEIS FOTOGRÁFICOS DE FAMA MUNDIAL

a venda em todas as casas do ramo

SEGURANÇA INDUSTRIAL

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS

Fundada em 1919

CAPITAL REALIZADO: Cr.\$ 12.000.000,00

SEGUROS: Incêndio, Acidentes do Trabalho, Acidentes Pessoais, Ferroviários, Rodoviários, Marítimos, Aeronáuticos, Automoveis, Roubo e Responsabilidade Civil.

Reservas Estatutárias e Extraordinárias até 31/12/53 Cr.\$ 44.850.666,50

Sinistros pagos até 31/12/53 Cr.\$ 449.731.283,80

PRESIDENTE

Antonio Prado Junior

MATRIZ NO RIO DE JANEIRO

Av. Rio Branco, 137 - Edifício Guinle — End. Telegráfico "SECURITAS"

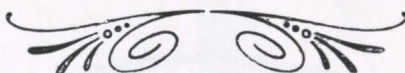
SUCURSAL EM SÃO PAULO

Rua Boa Vista, 245 - 5.º andar - Prédio Pirapitinguí - Telef.: 32-3161 a 32-3165

J. J. Roos

Gerente-Geral

A MAIOR GARANTIA EM SEGUROS



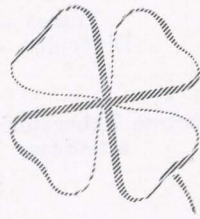
FUNDADA EM 1908

Casa Beethoven

MUSICAS • PIANOS
RADIOS • DISCOS
INSTRUMENTOS
PAPELARIA
REFRIGERADORES

LARGO DA MISERICORDIA, 36 - FONES 32-0303 - 33-6510 - CX. POSTAL 348 - S. PAULO

Sucesso
em cada
Reclame
pelos
Cliches



CLICHES *Fontina*

AGORA EM SEU
NOVO ENDEREÇO

R. CONS. CARRAO, 295



32-3492
35-8000

OTICA FOTO *Moderna*

A casa que oferece o maior sortimento em artigos foto e cinematográficos em geral.

CÂMARAS E ACESSÓRIOS

Filmes — Papéis — Projetores e Ampliadores.
Binóculos — Microscópios e Serviços completos de

Ó T I C A

Moderníssimo Laboratório para revelações de filmes, ampliações esmeradas e artísticas. Revelações de filmes cinematográficos.

Fabricação própria de lentes.

OTICA FOTO MODERNA

RUA MARCONI, 44 — FONES: 32-9197 e 34-7582 — SÃO PAULO

TÉCNICOS ESPECIALIZADOS

ORÇAMENTOS SEM COMPROMISSO

TECIDOS PARA DECORAÇÕES

Cortinas Ludovico

LARGO DO AROUCHE, 99

Fone:

36-2126

Filial: RUA AUGUSTA, 2699 - Fone: 80-7201



FRAQUEZA GERAL

Depressão, impotência genital do homem e mulher, Neurastenia, velhice precoce, Prostatite e falta de filhos. - Tratamento pela "Auto-Hormo-Vacina "Hellmeister" (Aos interessados enviamos prospectos com dados sobre o tratamento)

LABORATORIO HELLMEISTER

Diretores Técnicos:

O. HELLMEISTER - Médico

J. HELLMEISTER - Técnico Bacteriologista

PRAÇA DO PATRIARCA, 96 - 2.º AND. - TEL. 32-5918 - CAIXA POSTAL, 919 - S. PAULO

BANCO RIACHUELO S. A.

RUA JOSÉ BONIFÁCIO, 89
FONE: 37-2546

SÃO PAULO

Stuart
CAMISARIA

R. Bento Freitas, 74
Tel. 34-0709

CONFECÇÕES FINAS

RUA BENTO FREITAS, 74
FONE: 34-0709

O BOLETIM FOTO CINE

é encontrado também nas
seguintes casas:

A FOTOPTICA

Rua Conselheiro Crispiniano n.º 49
Rua São Bento n.º 294 e 389
Rua Direita n.º 85

A POLY

Rua Líbero Badaró n.º 284

OTICA FOTO ELEGANTE

Rua Dom José de Barros n.º 91

LIVRARIA NILO

Galeria Guataparã: Rua Barão de
Itapetininga, 114

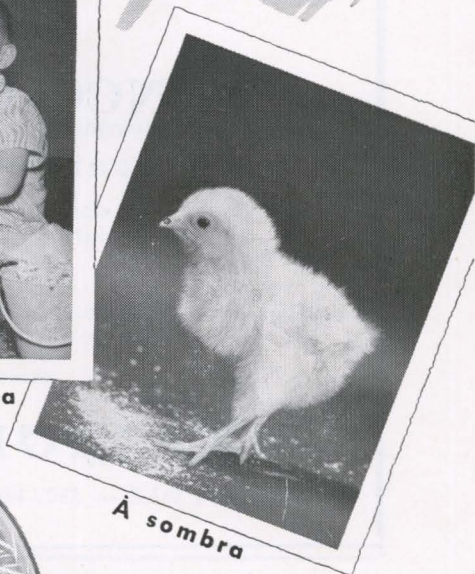
Para melhores fotos...



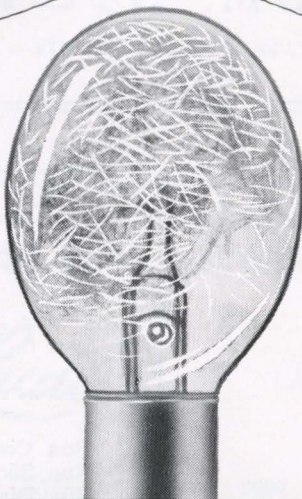
À noite



Dentro de casa



À sombra



46.019

use
BULBOS PHOTOFLASH

GENERAL ELECTRIC S.A.



À VENDA NAS BOAS CASAS DO RAMO

★

Diretor Responsável:

Dr. Eduardo Salvatore

Diretor de Redação:

Dr. Rubens T. Scavone

Diretor Comercial:

Alberto Scaff

Correspondentes no

Estrangeiro:

Alvaro Sol

Argentina

Marius Guillard

Lion, França

Domenico C. Di Vietri

Roma, Itália

Ray Miess

Wisconsin, EE. Unidos

Georges Avramescu

Arad, Rumania

Tabelas de Anúncios:

Capa Cr\$ 5.000,00

Contra-capas Cr\$ 4.000,00

1 página.. Cr\$ 3.000,00

½ página.. Cr\$ 1.800,00

¼ página.. Cr\$ 1.000,00

⅓ página.. Cr\$ 600,00

Redação e Administração:

Rua Avanhandava, 316

Fone: 32-0937

S. PAULO — BRASIL

SUMÁRIO

A NOTA DO MÊS	9
A FOTOGRAFIA EM CÔRES	10
A. H. CUISINIER	
“2 — 2 — 15 — 20”	16
GUILHERME Malfatti	
CRÔNICA DE UM PASSEIO	20
LEÃO MACHADO	

CAPA: Foto de HERROS CAPPELO — FCCB

Exemplar avulso em todo o Brasil	Cr\$ 15,00	
Assinatura anual: (12 números)	Cr\$ 150,00	
Sob Registro		Cr\$ 200,00
Para o Exterior	Cr\$ 300,00	

ORGÃO OFICIAL DO FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE.

O FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE, receberá com prazer a visita de todo e qualquer aficionado da arte fotográfica, assim como responderá pelos seus Departamentos, a qualquer consulta que lhe for dirigida quanto às suas atividades ou sobre a prática de fotografia e cinematografia amadorista. Outrossim, recebe, sem compromisso, colaboração para o seu Boletim sendo que as opiniões expendidas em artigos assinados, correrão sempre por conta de seus autores.

Toda correspondência deve ser dirigida para a sede social do FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE - Rua Avanhandava, 316. Fone 32-0937, S. Paulo, Brasil.

FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE

DECLARADO DE UTILIDADE PÚBLICA PELA LEI N.º 839 DE 14-11-1950

ALGUMAS DAS VANTAGENS QUE OFERECE:

Orientação artística e técnica mediante palestras, seminários, exposições, demonstrações e convívio com os mais destacados artistas-fotógrafos.

★

Laboratório e Studio para aprendizagem e aperfeiçoamento.

★

Sala de leitura e biblioteca especializada.

★

Excursões e concursos mensais entre os sócios.

★

Participação nos salões e concursos nacionais e estrangeiros.

★

Intercâmbio constante com as sociedades congêneres de todo o mundo.

DEPARTAMENTOS:

Fotográfico

Cinematográfico

Secção Feminina.

★

	Cr. \$
Joia de admissão	200,00
Mensalidade	40,00
Taxa extra mensal pró-sede própria	10,00
Anuidade (recebida somente nos meses de janeiro a março de cada ano ..	600,00

★

Os sócios do interior e outros Estados e da Secção Feminina gosam do desconto de 50% na mensalidade.

★

REVISTA "FOTO CINE BOLETIM" MENSAL

SEDE SOCIAL (Edifício Próprio): RUA AVANHANDAVA N.º 316

FONE: 32-0937

— S. PAULO, BRASIL

A Nota do Mês

O entusiasmo e alto nível artístico com que estão sendo disputados os primeiros concursos de 1956 no Foto-cine Clube Bandeirante permitem vaticinar que este ano será dos mais promissores para o desenvolvimento da arte fotográfica em São Paulo.

É curioso constatar como, não obstante os múltiplos e expressivos êxitos obtidos, os "bandeirantes" não se acomodam a eles, não se detêm nas fórmulas e caminhos já conhecidos e percorridos, buscando incessantemente novos modos de expressão, sem se preocuparem em serem ou não compreendidos desde logo pelo grande público, mas com a convicção de estarem trazendo o seu quinhão para a elevação e aperfeiçoamento deste magnífico meio de expressão que é a fotografia.

Os "bandeirantes", aliás, graças a esse espírito, progrediram muito depressa. Depressa demais mesmo, se compararmos a sua evolução com a que se vem verificando em outras plagas. Trazendo também para a fotografia a manifestação e o debate das inquietações e problemas estéticos com os quais se defrontam as demais artes, atingiram posição das mais avançadas para a qual julgamos difícil encontrar saída. Não é de admirar, portanto, que se verifique uma pausa, pausa de todo normal, inevitável e necessária mesmo, para um exame do que se fez até agora, para a cristalização das idéias debatidas e do progresso já conseguido e que servirá de base e apoio para retomar fôlego e para novas investidas no terreno artístico.

O entusiasmo dos primeiros concursos deste ano parece demonstrar que foi reencetada a avançada. Encontrarão os "bandeirantes" novas formas de expressão? É o que o futuro próximo certamente nos dirá. De qualquer modo é confortador verificar que a atividade dos bandeirantes continua naquele ritmo que tornou o F. C. C. B. merecedor da admiração de todo o mundo.

* * *

Com este número, após uma interrupção de todo independente à nossa vontade, volta o Boletim à responsabilidade direta do FCCB. Procurando dar-lhe nova organização, esperamos alcançar a regularidade desejada, contando outrossim, com a imprescindível colaboração de quantos se dedicam à fotografia para que ele se torne a revista que todos almejamos.

JAN.-ABRIL/1956

A Fotografia em Côres

A. H. CUISINIER

Transcrito de FOTO-CINEMA

A LEI DAS CÔRES

Muitos artistas pretendem que a natureza é uma excelente desenhista que cria formas comumente admiráveis, mas que não sabe agrupar de maneira agradável as encantadoras côres que compõe. O artista moderno tem sôbre a natureza a vantagem de poder harmonisar as côres. Cientificamente, é possível visualizar a côr e portanto prever os efeitos dados, antes mesmo que sejam concretizados materialmente.

A visão da côr, por si só não é suficiente para encantar o ôlho. A côr pode despertar a curiosidade, atrair o olhar e o desagradar, mas, sôsinha, ela não agrada. Vemos diâriamente casas, frontespícios de lojas, vigorosamente coloridos, ou cartazes de côres vivas; entretanto, a gente de gôsto não sente nenhum prazer ao contemplá-los. O ouvido pode perceber numerosos sons; mas, êle sômente será excitado — e não encantado — quando êstes sons são agudos ou discordantes. Óra, há uma correspondência muito rigorosa entre os sons e as côres. Baudelaire exprimiu isto num poema célebre.

Na sua notável obra "A Filosofia da Arte", H. Taine escreveu: "Além do seu grau de luz, os tons, segundo sejam ou não complementares um do outro, possuem suas dissonâncias ou suas consonâncias; êles se atraem ou se repelem; o laranja, o violeta, o vermelho, o verde e todos os outros, simples ou compostos, formam assim, por sua proximidade, como as notas musicais pela sua sucessão, uma harmonia plena e forte, ou áspera e dura, ou doce e suave."

Sendo incontestável que a côr, como o som, obedece a certas leis, não pode ignorá-las o fotógrafo policromista que quer executar imagens capazes de produzir uma impressão agradável.

O ôlho, que está feito para a luz branca, quando vê uma côr tem necessidade da côr complementar; quando ela lhe falta, ela a imagina. Isto acontece porque uma côr sugere sempre a sua côr complementar. Chevreul assinalou que uma mancha verde longamente mirada parece, aos olhos sensíveis, circundada por uma auréola vermelha; uma mancha azul, sugere a côr laranja e assim reciprocamente, etc.

Os testemunhos dêste fato são numerosos. Lembramos aqui aquêle trazido por Eckermann. Encontrando-se num jardim, em companhia de Goethe, êle olhou ao mesmo tempo que o poeta, para uma moita de açafrões amarelos. Quando os seus olhos se dirigiram em seguida para o sol, êles perceberam manchas violetas, isto é, a côr complementar do amarelo. Os fotógrafos sabem bem que após uma longa estadia no laboratório iluminado com luz vermelha, os objetos claros parecem irradiar a côr verde, o inverso sendo também verdadeiro.

Devemos aqui assinalar que muitas vezes emprega-se o termo "tinta" para se reportar à côr. O termo "tom" indica o grau de claridade ou obscuridade de uma côr e distingue o claro do escuro. Não se deve confundir o "contraste de tom" (oposição da sombra e da luz) com o "contraste de tinta" ou "contraste de côr" do qual falaremos mais adiante.

Vamos, no entanto, resumir as principais leis que regem as côres:

1.º — As côres complementares se anulam por sua combinação, em igual intensidade, para produzir o branco (caso das luzes coloridas) ou o preto (caso das matérias coloridas).

2.º — Depois de Chevreul — todos os pintores verificaram isso — a aproximação de uma côr com sua côr complementar cria um contraste de tinta. Por exemplo,

a justaposição do azul e do laranja exalta essas duas côres; o amarelo e o violeta, o verde e o vermelho, etc., ganham maior esplendor quando se encontram lado a lado.

3.º — Duas côres quase semelhantes (por exemplo, um vermelho claro e um vermelho mais escuro, um azul puro e um azul-cinza) colocados lado a lado se esmaecem, perdem o brilho.

4.º — Quando uma côr escura se avizinha de uma clara, o tom da primeira se eleva e o dasegunda diminue.

O branco, próximo de uma côr ou lhe servindo de fundo, realça o tom desta côr.

O preto, próximo de uma côr ou lhe servindo de fundo, rebaixa o tom desta última.

O cinza, próximo de uma côr ou lhe servindo de fundo, torna-a mais brilhante.

Segue-se daí que, por aproximação, muda-se a aparência ótica de uma côr sem tocar na sua composição material.

5.º — Quando uma côr ganha claridade, sua energia calorífica (em termos mais familiares, sua tinta) enfraquece.

H. Guerlin fez notar que: "Um tom, por si mesmo, não é nem justo nem falso. Ele não causa prazer ou desprazer senão pelas côres que o contornam e que podem aumentar ou diminuir o seu brilho." Êste autor acrescenta ainda: Ê" o fenômeno que os mestres antigos constatarem sem explicá-lo bem, quando diziam: as côres têm, entre si, amizades e inimizades naturais". Expressando-se assim, H. Guerlin definiu com clareza a necessidade da harmonia das côres.

A ILUMINAÇÃO E A COMPOSIÇÃO NA FOTOGRAFIA EM CÔRES

As emulsões que produzem imagens em côres têm um intervalo de pôse correta muito fraco. Conseqüentemente, elas são incapazes de reproduzir fielmente os assuntos cuja escala de brilhos extremos é muito larga. Avaliou-se em 1:3 o intervalo de luzes extremas susceptível de ser reproduzido fielmente pelas emulsões em côres. Se tivermos em conta a tolerância do olho, esta relação pode ser maior. Parece-nos que, praticamente, podemos fixá-la assim:

Emulsões inversíveis (*)

resultado perfeito	1:15
resultado aceitável	1:25

Processo negativo-positivo

resultado perfeito	1:10
resultado aceitável	1:12

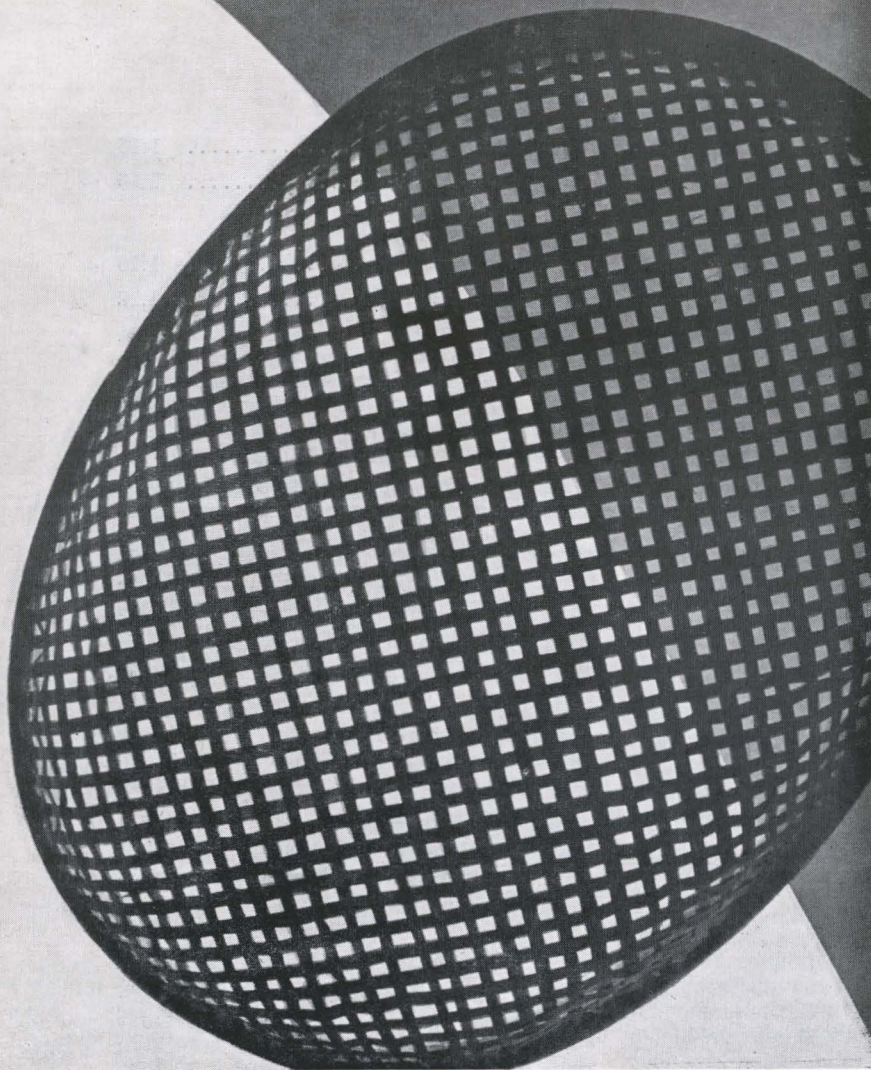
Isto quer dizer que para se ter uma tradução tão fiel quanto possível das côres, quando se utiliza uma emulsão inversível, é necessário que o brilho das grandes luzes do assunto não exceda mais do que 15 vêzes as sombras mais densas.

Esta condição constringe o fotógrafo a abandonar certos assuntos com oposições vigorosas de sombras e luzes e a se esforçar para criar um contraste de côres de preferência a um contraste de tons. Donde, a necessidade, na fotografia em côres, de se modificar a técnica habitual, a necessidade de ver e pensar como pintura mais do que como fotografia.

Pensar como pintor que quer dizer? De início é preciso aprender a selecionar os assuntos; em seguida que se tem a obrigação de estudar a técnica particular da côr, de se habituar a vê-la e julgá-la. Quem não "vê" a côr é incapaz de pintar convenientemente ou de fazer belas imagens fotográficas. O fotógrafo policromista deverá olhar as cousas com outros olhos branco e preto. Êle esquecerá as noções do que aquêle que faz fotografia em de claro-escuro aprendidas durante a prática do branco-e-preto; por outra, é preciso que êle "sinta" a côr e suas diversas combinações e que êle preveja o resultado final dessas combinações.

A primeira qualidade de um assunto que devemos fotografar em côres é a de beleza e o equilíbrio das linhas de conpossuir tintas ricas e harmoniosas. A tôrno, a originalidade do claro-escuro que são, em fotografia preto-e-branco, a base da estética, não devem ser procurados antes de tudo. Os assuntos de formas vulgares, de modelado pouco acusado, são os mais comumente transfigurados pela fada côr, tornando-se interessantes. Deve-se notar que numerosos assuntos não compreendem mais de duas côres importantes e, por vêzes, pouco diferentes uma da outra. O turista que observa as margens do

(*) Nós conservamos esta expressão consagrada pelo uso, por que ela significa "que pode ser posta em sentido oposto ao primitivo". A expressão "reversível" usada por alguns autores, quer dizer, segundo Littré, "que pode retornar", ou "que pode tomar uma direção oposta à direção primitiva".



"COMPOSIÇÃO"

Gertrudes Altschuller — FCCB

Sena em Paris, num belo dia de verão, vê sobretudo duas cores reinando: o verde e o cinzento com, é verdade, variadas nuances. No outono a cor ilumina as árvores como um incêndio mas no inverno tudo é cinza. Sem dúvida, é por esta razão que os artistas dos países onde a cor canta, acusam os pintores dos pais do Sena

de não abrirem os olhos para a luz, esta mágica que anima tudo quanto ilumina e que faz brilhar com esplendor as cores que acaricia.

As paisagens de verão, as folhagens, certos monumentos, são coloridos mas, o mais comumente monocromos e, portanto, monótonos. Como é impossível refazer a na-

tureza é preciso acrescentar o que ela não previu. Assim, no meio de um prado ou junto a um bosque verdejante, acrescentar-se-á uma côr que seja complementar do verde. Será, por exemplo, um personagem ou grupo de personagens vestidos com roupas avermelhadas ou pelo menos alaranjadas. Esta "mancha segunda", por menor que seja, dará prazer aos olhos.

Sob a forma atual, a fotografia em côres traduz melhor os "primeiros planos" do que os planos longínquos, com os panoramas. No caso de objetos próximos pode-se, comumente, ordenar a iluminação e a composição; no caso dos segundos planos, qualquer intervenção é impossível ou bastante limitada.

Joshua Reynolds pretendeu que para agradar a vista, um quadro deve compreender 25% de côres claras, 25% de sombras e 50% de meias-tintas. Isto representa bastante o bom quadro médio, a boa fotografia clássica, nos quais não se deve procurar efeitos.

Outros artistas — não percamos de vista que existem pintores que podem interpretar as suas obras — infringiram esta regra dizendo que se as dominantes claras e quentes exprimem a alegria, a juventude, a expansão e os esplendores da natureza, as dominantes sombrias e frias são úteis para sugerir a melancolia, o isolamento, os pensamentos íntimos, o crepúsculo da vida. As dominantes muito sombrias, nos sugerem o drama ou pelo menos o patético. Quanto às côres suaves e vivas colocadas umas sôbre as outras, elas evocam as dores silenciosas, a timidez, a tristeza dos dias molhados do outono.

Sem tomar ao pé da letra essas afirmações que afloram a poesia, somos levados a reconhecer que pela escolha das côres que compõem uma imagem policrômica, pode-se variar a sensação que ela provoca.

A intensidade da côr e a fôrça das sombras dependem do processo adotado pelo fotógrafo. Os processos de fotografia colorida por síntese aditiva (processos Lumière e Dufay) dão melhores resultados com assuntos de côres quentes, fotografados quando a luz é brilhante; êles traduzem mal as côres desbotadas ou lavadas. Os processos de fotografia por síntese subtrativa (emulsões com três camadas) têm tendência para sobrecarregar as côres e obrigam a dar preferência às côres e luzes suaves.

Dissemos que a côr não é exata senão sob a luz branca. Não devemos esquecer que de manhã e à tarde, quando o sol está baixo no horizonte, seus raios oblíquos devem atravessar as camadas da atmosfera densificada pela poeira, o fumo e o vapor. Êste meio turvo age à maneira de um filtro de luz que retem as radiações azul-violetas e uma parte das verdes, deixando passar apenas as radiações amarelas e vermelhas. Durante estas horas extremas do dia, a luz possui uma dominante alaranjada que, comunica aos objetos e que é perfeitamente registrada pelas emulsões para fotografia em côres.

Utilizando emulsões inversíveis, impressionantes simultâneamente em dois aparelhos, um munido de sistema ótico não tratado e o outro com o sistema ótico azulado, não encontraremos praticamente nenhuma diferença desagradável. Existem, porém, filtros capazes de compensar o efeito produzido pelas objetivas tratadas. Deve-se lembrar que êstes filtros, como quaisquer outros, ocasionam uma perda de luz avaliada em 5% sôbre cada face.

O RETRATO EM CÔRES

É inútil pretender obter belas imagens em côres com assuntos que não as comportam. As pessoas vestidas de branco, negro ou côres mornas, não permitem nunca a execução de retratos agradáveis.

Quando o modelo usa um vestido de côr uniforme, deve-se quebrar a monotonia com um objeto de côr complementar àquela dominante. Pode ser, por exemplo, um chale, uma echarpe, um cinto, flores, um cesto de frutas, etc. Se temos familiaridade com a pessoa, podemos aconselhá-la a acrescentar uma gravata, ou adornos de côres contrastantes com a do traje.

A maquilagem feita com gôsto não deve ser proibida, com a condição que seja discreta. Há filmes com grande tendência para dar uma dominância avermelhada. Se não quizermos traduzir a côr da carne como a de pão doce, devemos abolir as maquilagens que tendem para o vermelho.

O fundo deverá ser de uma côr complementar àquela dominante do modelo, mas a sua intensidade deve estar em relação ao efeito que se deseja obter. Os fundos claros escurecem a pele, enquanto que os sombrios a clareiam. Um fundo bastante conveniente pode ser feito por meio de uma fôlha de papel ou tecido liso, mas é melhor servir-se de uma cortina de pe-

lúcia ou de uma armação de sêda antiga. Se arrumarmos êstes tecidos com gôsto, as dobras formarão nuances ricas e variadas, que acrescentarão seu atrativo ao do modêlo. Os fundos cinzas, de côres neutras, tão utilizados na fotografia comum, tornam-se monótonos na fotografia. Os fundos sem côr, isto é, absolutamente pretos ou brancos, produzem um efeito desastroso!

Ao ar livre, as pessoas vestidas de vermelho se destacam muito bem sôbre o fundo esverdeado. As vestidas de amarelo ou alaranjado, podem ser fotografadas vantajosamente tendo por fundo o céu azul. Entretanto, neste último caso, deve-se-á iluminar bem o rosto que, na imagem, tende a parecer mais avermelhado do que na realidade.

A iluminação do modêlo deverá ser suave. Lembramos que o intervalo dos brilhos extremos reproduzido corretamente

sobretudo quando o processo é negativo-positivo; as sombras fortes devem ser, portanto, evitadas. A diferença de iluminação pelos filmes em côres é muito pequeno, entre o modêlo e o fundo não deve ser nunca superior a 1:10.

Aos fotógrafos que trabalham em branco-e-preto demos o seguinte conselho: se precisardes refrescar vossa inspiração, estudai a técnica dos gravadores que, como vós, trabalham em monocromia. (*)

Aos fotógrafos que trabalham em côres, não exitamos em lhes dizer: estudai a técnica dos pintores (não a dos borra-tintas); habituai vossos olhos a ver as côres, a compreender a sua linguagem e a tornarem-se sensíveis à sua harmonia.

(*) "Leçons de Photographie" — 1.º vol., Publ. Paul Montél.

O Foto-Cine Clube Bandeirante na Exposição de Arte Brasileira em Neuchatel

Uma das mais importantes e completas exposições de arte brasileira que já transpôz as nossas fronteiras foi realizada de novembro a março últimos, no Museu de Etnografia de Neuchatel, Suíça, por iniciativa das nossas autoridades diplomáticas naquele país, abrindo a nova fase de atividades daquela importante instituição. Compreendia a exposição as secções de Arquitetura, Pintura, Escultura, Gravura, Desenho e Fotografia, além de uma secção folclórica, através das quais o visitante poderia entrar em contacto com a arte primitiva e moderna do Brasil. Durante a exposição, inúmeras palestras, projecções, etc. foram realizadas por conhecidos artistas e críticos tanto do Brasil como de outros países, elucidando o público sôbre os aspectos da mostra e a evolução das artes no Brasil.

Recebida pela crítica especializada e pela imprensa com grande entusiasmo, a exposição alcançou extraordinário êxito, salientando o "Journal D'Yverdon" que "é extremamente difícil descrever em breves palavras, o que significa a exposição e a impressão maravilhosa que

ela nos causa, com a riqueza de suas côres e a qualidade das obras e objetos expostos". . . .

Contou essa exposição com a colaboração das principais instituições artísticas do Brasil, como os Museus de Arte Moderna de S. Paulo e do Rio de Janeiro, o Museu de Arte Popular de Pernambuco, o "Musée de l'Homme" de Paris, "Museo Etnografico Pigorini" de Roma, "Instituto de Alta Cultura" de Lisbôa, além de outras importantes instituições.

Para representar o Brasil no sector de Fotografia, foi convidado o Foto-cine Clube Bandeirante, que organizou uma coleção com alguns dos melhores trabalhos de A. Moraes Barros, Antonio Ferreira F.º, Aldo de Souza Lima, Alfio Trovato, Arnaldo M. Florence, Eduardo Ayrosa, Eduardo Salvatore, Eigiuro Sato, Francisco Albuquerque, Geraldo de Barros, German Lorca, Ivo Ferreira da Silva, Jean Lecocq, José Mauro Pontes, Kazuo Kawahara, Marcel Giró, Renato Francesconi, Rubens Teixeira Scavone e Thomaz J. Farkas, de maneira a dar ao público visitante uma idéia nítida do grande adiantamento que atingimos na arte fotográfica.



"O VALE ENCANTADO"

Ivo Ferreira da Silva — FCCB

"2-12-15-20"

GUILHERME MALFATTI - FCCB

Este é o nome do meu novo revelador tropical criado como uma evolução natural da fórmula anteriormente publicada (Bol. n.º 94). Podemos dizer que a fórmula é brasileira porque é brasileira mesmo: feita para as nossas condições de luz e temperatura; e sendo um revelador patriótico não podia deixar de ser verde justamente durante o verão.

Da mesma fórmula são tirados dois banhos, sendo um para o verão (o verde) e outro para o inverno — que é branco.

O revelador para o inverno, **2-15-20** é formado da seguinte maneira:

Água	500 cc.
Metol	2 grs.
Sulfito de sódio anidro	15 grs.
Sol. saturada de carbonato de sódio	20 gotas

Tudo muito claro e simples a não ser a tal de solução saturada, que é preparada com 25 gramas de carbonato em 100 cc. de água, como base para a água de S. Paulo, e assim mesmo, durante o tempo de frio, cria uma cristalização no fundo do conta gotas e da solução de reserva. Peço ao amador não se impressionar si tem mais ou menos carbonato devido a cristalização, pois não há diferença apreciável no resultado prático. Sendo, no caso, usado o carbonato como o mais natural acelerador, a sua proporção se tornou difícil para ser pesada numa balança comum. Esta proporção, pesada em quantias maiores e divididas em gotas — as gotas farmacêuticas, com ou sem o espremedor de borracha resolveram bem o caso, tor-

nando o revelador, durante o inverno, mais rápido que o anterior e mantendo as suas gerais características.

O revelador assim preparado foi usado num grande número e diversidade de casos. Como o outro, não se gaba de ser um super-grão-fino: conservando as suas qualidades de produzir negativos brilhantes sem as luzes incopiáveis e trabalhando muito bem nas sombras é recomendado especialmente para paisagens e luz artificial.

Não publico as três tabelas para negativos suaves, brilhantes e contrastados, substituindo para os amadores por um "coeficiente tempo-temperatura" já usado pelo bravo profissional, nosso companheiro Sr. Júlio Agostinelli, com resultados práticos excelentes. Si dermos para os filmes Plus-X, Veri chrome, Super Press e em geral os de categoria de revelação rápida o indicador **28**, teremos com 21 graus, apenas 7 minutos para o tempo de revelação e já no inverno, com o mínimo de 14 graus, teríamos 28 - 14° - 14 minutos de tempo, para resultados comparáveis.

Os filmes estão divididos, mais ou menos em três categorias, sendo alguns de revelação normal, outros de revelação rápida e outros ainda de revelação mais lenta, como alguns alemães e holandeses. Há ainda o grau de alcalinidade ou acidez da água e ainda, muito importantes, o papel de ampliação disponível e o fator pessoal. Tudo isso se corrige dando para o TT o número 30 ou 35.

Agora, tudo explicado, passamos para o banho de Verão, ou banho verde.

É já velha a idéia de usar um banho cromado. Lembro-me do saudoso companheiro, Dr. Vasques Netto, que foi presidente da primitiva sociedade de fotografia (lá por volta de 1923...), que usou o alúmen de cromo com sucesso em Mato Grosso, e nos deixou a fórmula para Metol-Hidroquinona que perdemos. Depois apareceram outras fórmulas na revista Ferrania com os resultados dos pesquisadores europeus, apontando uma série de inconvenientes e as maneiras de os evitar as vezes com produtos de difícil aquisição.

Ora, a principal dificuldade é conseguir uma solução transparente e que não deposite sais insolúveis na gelatina e com a água de S. Paulo o melhor resultado obtive principiando a solução com 500 cc. de água e logo em seguida dissolvendo perfeitamente 2 gramas de alúmen de cromo e continuando a solução com 2 gramas de Metol e depois de dissolvido, mais 15 gramas de sulfito e finalmente, as 20 gotas da solução de carbonato de sódio. Dai a fórmula, **2 - 2 - 15 - 20**.

O banho deve tomar a coloração verde-cromo e de uma absoluta transparência. Este banho tem, porém, pequena duração, devendo ser usado no mesmo dia. Tenho usado o indicador 33 para os filmes de revelação rápida, 35 para os médios e 37 para os de revelação lenta.

Como é natural, o "Verão" trabalha mais lento nas temperaturas normais e procura não trabalhar rápido demais nas temperaturas mais altas, sendo que já revelei a 30° com resultados compensadores entre 3 e 4 minutos.

Espero em tempo voltar ao assunto com mais dados e informações e por enquanto vamos ver no que dará a curiosidade dos nossos amadores. Assim, poderei logo publicar uma porção de marcas e emulsões para usar o "2 - 15 - 20" e o "2 - 2 - 15 - 20". Experimentem, e verifiquem como o banho "Verão" dá boa fineza de grão e negativos muito bonitos.

Por outro lado, gostaria de saber os resultados das experiências que fizerem.

LASANHA AO FORNO

Especialidade da **CANTINA PIEMONTESE**

ALAMEDA FRANCA, 1509 (esq. Consolação) - Tel.: 8-1082

Noticias Norte-americanas

RAY MIESS

(nosso correspondente em U. S. A.)

Nos Estados Unidos verifica-se um aumento na proporção dos amadores que usam filmes coloridos em lugar de branco e preto. Em grande parte isso é devido à revelação rápida, de um dia apenas, que agora é possível, enquanto que antes o amador precisava esperar de uma semana até 10 dias para ver os resultados de seu trabalho. Nas vésperas do fim do ano tem-se como certo de que um grande número de câmaras e equipamento serão comprados para presentes de festas, de que resultará um grande aumento no número de amadores, assim êsse "hobby" cresce de ano para ano.

A Kodak está agora oferecendo um novo filme KODACHROME nos tamanhos n.º 828 e 35 mm. É conhecido como tipo F e é balanceado para lâmpadas flash, brancas sem uso de filtro. Êsse novo filme toma o lugar do tipo A, que era balanceado para côres para uso com lâmpadas "photoflood" comuns.

No comêço de 1956 haverá no mercado a nova base para filmes "polyester" da Du Pont. A Kodak acabou de conseguir licença para fabricar êsse produto. Sendo êsse novo suporte extremamente delgado, esrá possível apresentar nos atuais rolos de filmes um número bem maior de exposições ou manter-se o atual número de exposições com filmes bem menores. Quem sabe se em futuro próximo as câmaras diminuirão de tamanho em razão disso.

A Graflex está agora oferecendo uma nova concepção no campo das máquinas esteriocópicas de foco fixo. Uma lente é focalizada para distâncias próximas e médias e a outra para as médias e infinita. Quando os diapositivos tomados com esta câmara são vistos, a acomodação do olho humano funde a fotografia, de maneira que há extraordinária nitidez em todo o campo de vista.

EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIAS NO TMDC

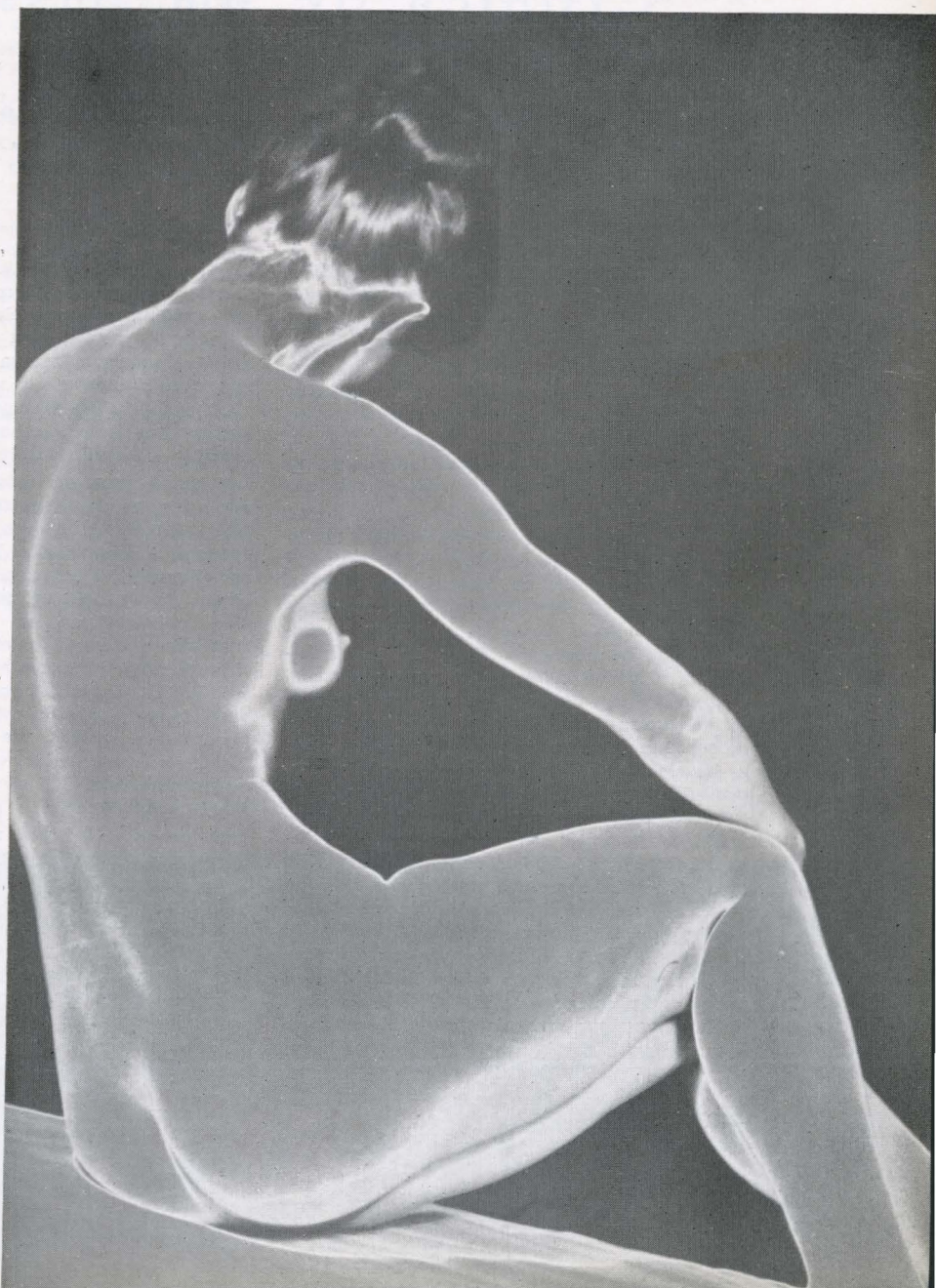
Eduardo Ayrosa e José Mauro Pontes, ambos do Foto-cine Clube Bandeirante, expõem, no momento, no Teatro Maria Della Costa, uma interessante série de fotografias. Enquanto Eduardo Ayrosa fixa aspectos humanos e pitorescos da grande cidade, e colhe com a sua objetiva o lirismo intenso da bailarina contra o céu e a simplicidade da mocinha experimentando uma blusa na feira da Penha, José Mauro Pontes prefere as composições geométricas, procura temas que lhe possibilitem jogar livremente com contrastes violentos de luz e sombra, de linhas, de volumes, conseguindo grandes efeitos e plasticidade original nos trabalhos "Varal" e "Uma luz na noite". A exposição vem sendo bastante apreciada pelos frequentadores daquele teatro, estando os expositores de parabéns pelo magnífico êxito obtido.



— Em primeiro lugar, vou dar-lhe as boas novas! A tampa da objetiva de sua maquina está em ótimas condições!

"SOLARIZAÇÃO"

Raul Chama — FCCB





Cronica de um passeio

LEÃO MACHADO — FCCB

CONCLUSÃO

DE COMO UM HONESTO ALMOÇO PODE ACABAR EM CONCURSO DE ORATÓRIA

Rodamos de novo pelo terrível caminho e afinal fomos cair na Via Anchieta, próximo a São Bernardo, ali por aquelas bandas em que Florence, o Deputado Lauro Gomes, e os Prefeitos do A. B. C., afirmam, com indiscutível autoridade política municipalista, que foi fundada a velha e malograda Santo André da Borda do Campo, nos tempos de João Ramalho, Bartira e Tibiriçá. Pela Via Anchieta fomos até o alto da serra e aí infletimos por um caminho revestido de cascalho, que sai á esquerda da autoestrada, franqueamos um largo portão com pilares de belo granito cinza e outra vez entramos nos domínios da Light, indo para a chamada Casa de Hóspedes. Mas, antes de lá chegarmos, o Milton guiou-nos até uma esplanada, bem no alto da montanha, em um lugar de onde se descortina tôda a baixada santista, até o oceano. Lá em baixo, na base da serra, se viam as instalações da usina velha, as casas e os tanques do óleo-duto e á esquerda a Refinaria de Petróleo, com aquêles penachos de fogo assoando ás chaminés das suas retortas de destilação. A Via Anchieta, vista daquelas alturas, era uma tênue linha preta e reta, perdendo-se na bruma, que mantinha semi-velada ao nosso olhar a paisagem além dos meandros do Cubatão e do Casqueiro, apenas entremostrando a azulada massa dos morros afastados na distância, o casario branco de Santos e São Vicente e a clara linha de espumas da Praia Grande. A outra encosta de Paranapiacaba, por onde correm os trens

da Sorocabana, também se perdia no nevoeiro. E a encosta por onde descem os trilhos da Santos—Jundiá, essa tremeluzia em linhas incertas e vagas, porque, além da neblina, que misturava os contornos, estava do lado do sol. Era majestosa e imponente a visão que tínhamos do alto daqueles píncaros, que, no passado, deram vertigens a Simão de Vasconcelos e assustaram Anchieta e Fernão Cardim.

Numa excursão de turistas comuns, seria normal a tomada de fotografias daquela eminência. Mas fotógrafos amadores são gente muitíssimo exigente e especializada. De modo que apareceram logo os filtros vermelhos para “limpar” a bruma. E foi então um fotografar coletivo com êsses filtros. O cronista bateu também a sua chapinha e é com alguma vergonha que confessa ter saído bem medíocre a sua fotografia.

Dali, fomos para a Casa de Hóspedes, acolhedora, fresca e situada entre árvores, flores, samambaias e avencas, um pouco mais acima. E aí foi servido o almoço, que, como se esperava, estava excelente.

Ao findar a refeição, o Scaff tomou a palavra, para agradecer á Light, não só a oportunidade daquela visita, mas a gentilíssima hospedagem. Estávamos sendo tratados com um requinte que a nós fazia gôsto e à Light recomenda como entidade que sabe receber visitantes. Observando a tradição, anunciou Scaff o “batismo” dos sócios do Clube que, pela primeira vez, tomavam parte em excursões. O primeiro a ser “batizado” foi o cronista, distinguido por essa prioridade provàvelmente por ser o mais idoso dos

neófitos. Foi-lhe dada madrinha na pessoa da Senhorita Isaura Brick, do grupo de Relações Públicas da Light. O cronista confessa que, entre as belas e gentis senhoras presentes, sua madrinha foi uma grande escolha do Scaff. O segundo, foi o Milton Souza, paraninfado pela Senhora Scaff, esposa do nosso Diretor Social. E o derradeiro, foi o sr. Benjamin Meyer, sendo assistido pela Senhorita Maria Victoria Lemos do Amaral, também do grupo de Relações Públicas da Light.

Ai, o Scaff, que funcionava como animador do almoço, anunciou que outras vozes do Clube iriam também apresentar agradecimentos e para marcar bem o sentido universal da arte, pedia que cada sócio chamado, falasse em seu próprio idioma. Estabeleceu-se então a Babel e falaram: Constantino Ostrovoski, em polonês; Roberto Yoshida, em japonês; Berel Bin em yudish; Benjamin Meyer em francês; Marcel Giró em catalão; Tufi Kanji em árabe; Gertrudes Altschul em alemão; Cláudio Pugliese em italiano.

Findas estas manifestações, tomou a palavra o Milton Souza, que, em nome da Light, apresentou saudações aos excursionistas, manifestando o agrado com que a empresa recebia a visita. E aproveitou a oportunidade para entrar em pormenores sobre o funcionamento da Usina Piratininga e sobre o andamento das obras da Usina Subterrânea, que iríamos visitar. O Milton, que já revelara grande habilidade pessoal para receber e acompanhar gente e notável capacidade mecânica para consertar motores desarranjados, demonstrou que era também grande orador, não no sentido da oratória antiga, cheia de tropos e arrebiques, mas no sentido moderno, da necessidade de exposição clara e didática. Falou sobre aquelas maravilhas mecânicas da usina térmica, que tira energia do fogo com a

mesma eficiência com que a usina hidro elétrica tradicional retira a mesmíssima energia da água, coisas estas que há pouco mais de meio século, pareceriam desvairada imaginação de loucos e hoje ai estão rotineiramente incorporadas á vida moderna, produzindo conforto, bem estar e riqueza. Falou depois nas obras da usina subterrânea, explicando como está sendo resolvido o problema e por que foi escolhida a modalidade de esconder-se o maquinismo debaixo da terra. Mas a habilidade do Milton se patenteou na maneira de expor a matéria, pois nunca saiu dos termos gerais, de modo que os presentes ficaram tendo do assunto a mais completa noção que era suficiente para o conhecimento de leigos, como eramos todos. O perigo destas dissertações sobre máquinas complicadas é de entrar o orador em pormenores e minudências especializadas, que só podem interessar aos entendidos e aos ouvintes comuns fadiga e, dispersando a atenção, acaba por confundir e atrapalhar a compreensão do assunto.

Quando nos preparávamos para iniciar uma confortável digestão, o Scaff concedeu a palavra a este cronista, para falar sobre tema de sua livre escolha e justificou o convite com a circunstância de ser o cronista membro de uma academia de letras. Houve naturalmente na mesa um movimento de pânico. Era o terror em que todos ficaram, pressentindo o perigo de um discurso, coisa horrível em qualquer hora, inconveniente depois de um bom almoço e agravada pela tal categoria literária do escolhido. O cronista ficou também em pânico, porque não é orador e detesta a oratória. Depois, porque positivamente não lhe ocorria nada para falar, uma vez que já tinham sido feitos os agradecimentos e as saudações da praxe. Tentou ainda resistir, mas foi inútil. O Florence, porém, que é orador experimentado, salvou a situação, su-

Aspecto do almoço realizado na Casa de Hóspedes e o momento de se iniciar a descida da serra pela gôndola.



gerindo uma conversinha literária. E aí, o cronista, aceitando a idéia, fez o que faria qualquer cristão naquela dura emergência e naquele lugar — propôs uma saudação á Serra de Paranapiacaba, que tem sido, através de todos os tempos da nossa história, um fator decisivo para o progresso de São Paulo.

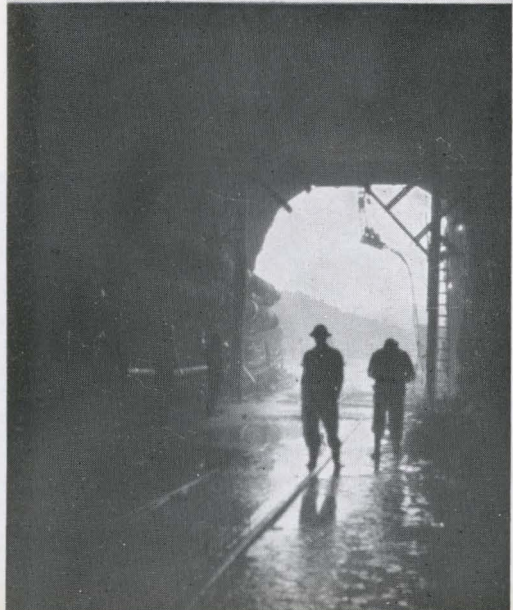
Realmente, a geografia ensina que nas planícies foi que nasceram as civilizações, porque as planícies não opõem resistência á ação do homem. A montanha, ao contrário, oferece dificuldades e obstáculos a qualquer tentativa de expansão. Mas Paranapiacaba é uma serra excepcional. Confinou o colonizador do século 16

num planalto, obrigando-o a cultivar a terra para manter-se. As capitánias do Brasil nasceram no litoral e aí se desenvolveram, de modo que os povoadores mandavam buscar na Europa a sua comida e a sua roupa. O colonizador de São Vicente, trepado irremediavelmente num planalto, viu que era mais fácil produzir nesse planalto do que mandar navios á Europa, porque havia, de permeio entre Piratininga e o oceano, uma serra dura de subir e de descer. Plantando no altiplano, criou a agricultura na capitania, isto é, preparou as bases para a fixação do homem. Depois, veio a sugestão do Tietê, que Paranapiacaba encaminha para o interior. E os bandeirantes, vendo no Tietê um convite para a penetração, embarcaram em suas canoas e foram se internando na terra, dilataram as fronteiras do Brasil, empurraram o meridiano de Tordezilhas até os Andes, determinaram o Tratado de Madri, de 1750, o que estabeleceu os novos domínios de Espanha e Portugal em terras da América. Vieram daí, como consequência, estes nossos quase nove milhões de quilômetros quadrados de superfície, que passamos a ter com a nova demarcação de divisas e que fizeram de nossa pátria o maior país da América meridional. Finalmente, Paranapiacaba propiciou a construção das represas da Light, que encarceraram as águas esparsas pelas grotas e canchadas do planalto. E a Light, contrariando o destino natural dessas águas, que seria o estuário do Prata, verte-se hoje diretamente no Atlântico, transpondo o *divorcium aquarium* da serra, através de oitocentos metros de desnível e daí retirando a energia elétrica, que é o maior propulsor do progresso de São Paulo.

DE COMO SE PROVA QUE AS MULHERES TEM MAIS CORAGEM DO QUE OS HOMENS

Terminado o mistifório do cronista, sem protestos de Paranapiacaba encerrou-se o almoço, felizmente sem mais discursos. E aí tínhamos que descer para o Cubatão. Estava previsto que desceríamos pelo carro de serviço da Light, que corre da usina para o alto da serra, sobre o dorso da montanha, pendurado a um cabo que se enrola em roldanas, cá em cima. Havia lugar somente para 25 pessoas no tal carro e mais cinco ou seis numa caçamba de transporte de materiais. As senhoras, naturalmente, eram candidatas e começou a ficar difícil para o Salvatore e o Scaff selecionarem os que desceriam por essa via ou de ônibus.

O Florence, o Plínio Mendes e o cronista puzeram desde logo seus lugares á disposição de quem os quizesse. O Plínio Mendes já uma vez andara num carro daqueles, quando visitara a Usina de Tuparanga e tinha lá suas razões



Cada qual procura a sua bota e a entrada da usina subterrânea.



Um grupo de excursionistas momentos antes da visita à Usina subterrânea e, os bandeirantes Leão Machado, Da. Lêda Salvatore, Da. Déa Scaff, Claudio Pugliese, Alberto Scaff e Emil Issa, numa das galerias.

para não querer repetir a experiência. O Cronista já subira a serra naquele mesmo carrinho e também não tinha interesse em viajar outra vez naquela caranguejola diabólica. O Florence não deu razões específicas. Era provavelmente um lindo ato de cortesia, ficando solidário com o Plínio e o cronista.

Mas as senhoras, falando e rindo, como falavam e riem quando estão em grupo, entraram na fila decididas a descer a serra penduradas e deram a entender que o nosso magnífico gesto de renúncia era inspirado pelo medo que elas, mulheres, não tinham. Não cometeríamos o desprimor de discutir aquele caso. Tínhamos razões importantes, como já ficou escrito, para abrir mão daquele emocionante meio de transporte. Mas podia ser mesmo que essas razões fossem inconscientemente inspiradas pelo medo de que o carrinho despencasse serra abaixo, levando para os socavões e bátratos de Paranapiacaba nossos preciosos ossos e não menos preciosas carnes. E daí? O cronista, pelo menos, não se envergonharia se tivesse medo. O diabo do carrinho podia mesmo cair. O raciocínio de que fora bem instalado, era cuidadosamente conservado e não cairia nunca, era raciocínio dos mais elementares. Grandes transatlânticos também são bem construídos, bem conservados e nunca naufragaram. Mas os que naufragaram, o fazem mesmo pela primeira vez, num naufrágio inaugural. Os motivos que, depois no inquérito, explicam cientificamente esses desastres, como exclusivo fruto da fatalidade e não da incúria dos homens ou da imperfeição das máquinas, servem apenas para informar aos fabricantes e usuários de falhas e defeitos que devem ser evitados no futuro. Mas esta pesquisa não adianta coisa alguma aos que foram vitimados no sinistro. Para esses, tais discussões, tão interessantes em si mesmas, são o que há de mais acadêmico e inútil... Além disso, durante o almoço, o Trovato, que tem fama de bruxo e advinho, nos confessou que

estava com vaga impressão de que iria desencarnar naquele dia. E o raio do homem era passageiro-nato do carrinho...

Ora, tudo isto era difícil de estar explicando em público e naquela hora. O melhor alvitre, era sorrir com superioridade e ir saindo de mansinho, como saímos, vingando-nos das senhoras com a recordação de que, segundo já está definitivamente aceito pela psicologia, a coragem das mulheres sempre nasceu da falta de imaginação, falta que nelas é coisa das mais evidentes. De fato, as mulheres são e sempre foram mais bonitas e muito melhores do que os homens. Mas sempre lhes faltou totalmente imaginação, tanto assim que nenhuma revolução, nenhuma reforma social, nenhuma invenção pode ser creditada em favor delas. Sempre é o homem inquieto que modifica as coisas, precisamente porque possui imaginação. Fiquem elas com o quinhão de ternura, de graça e de beleza que Deus generosamente lhes outorgou, para compensá-las de deficiências como esta, que, aliás, não trazem nenhum prejuízo a elas e para os homens até criam certas vantagens e conveniências...

Descemos, pois, uns tantos de ônibus e quando chegamos ao Cubatão, já encontramos os companheiros que haviam feito a viagem, são e salvos, pelo carrinho, desmentindo-se escandalosamente as premunições do Trovato, que, felizmente para ele e para nós, aí está, como sempre, encarnado, simpático e operoso. Preparavam-se os aventureiros do carrinho para a visita às obras da Usina Subterrânea.

DE COMO AS MULHERES SABER TIRAR PARTIDO DAS COISAS EM PROVEITO DA PRÓPRIA ENEGÂNCIA

Os preparativos para a visita às obras da Usina Subterrânea consistiam em calçar tremendas botas de borracha e cobrir a cabeça com capacete de alumínio. As botas eram para



Os bandeirantes aprofundam-se na usina subterrânea e ouvem os esclarecimentos de um dos técnicos da Light.

enfrentar a lama existente no túnel em construção e o capacete para proteger a cabeça contra pedrouços que caíam do teto dêsse túnel. Como tais pedrouços agora já não caem, capacetes não passam de mero apêgo ao símbolo, á tradição e ao cerimonial, coisa que a gente da Light, tão moderna e tão inteligente, cultiva com inexplicável desvêlo.

Vimos então coisas edificantes. As senhoras, largando seus sapatos e heróicamente enfiando seus graciosos e gentís pèzinhos para dentro daquelas pesadas e tremendas botas, de que não haveria nenhuma que não servisse aos maiores pés masculinos, o que quer dizer que, para elas, seriam folgadíssimos. De modo que os pés de nossas graciosas companheiras estariam sobrando lá por dentro daquelas botas, repercutindo essas folgas no andar que as senhoras passaram a ter — um andar denso, pesado e incerto, o que havia de menos elegante e gracioso.

Mas elas, com essa maravilhosa intuição para saber o que prejudica a beleza de suas pessoas, compensavam a deselegância das botas, arrumando na cabeça, com arte, jeito e gôsto, os tais capacetes de alumínio. O cronista confessa que reparou em algumas, até o limite natural imposto pela discreção e conveniência, e verificou que essas ficaram mais elegantes com o uso do capacete e isto aqui fica escrito, não só por amor á verdade histórica, mas também como sugestão para a próxima encomenda que essas senhoras fizerem ás suas chapeleiras.

O cronista esteve ameaçado de não poder visitar as obras da usina, como o coitado do Plínio Mendes. Ê que, tendo descido ambos, com outros, de ônibus, ao chegar ao edifício em que os excursionistas se preparavam, já não encontramos mais nem bota, nem capacete. O capacete, como foi explicado, era prescindível, mas as botas, não. O Plínio Mendes, com aquêle seu ar bonacheirão, resignou-se logo e saiu da sala. Mas o cronista ficou terrivelmente decepcionado, pois aquela era precisamente a visita que mais lhe interessava. Mas como não pudesse fazer nada, foi saindo desconsolado, quando teve

a ventura de se encontrar com a Senhorita Maria Victória Lemos do Amaral, que lhe perguntou se não desejava ver as obras. E tendo sabido que lhe sobrava em vontade o que lhe faltava em botas, gentilmente se prontificou a despojar-se das que no momento calçava. O cronista ainda fez um luxinho, mas confessa que procedeu por pura formalidade, porque no íntimo, estava dando graças a todos os seus deuses por encontrar aquela moça tão amável e caritativa. Ela compreendeu a hipocrisia do cronista e insistiu. Como não fica bem resistir ás insistências de uma moça bonita, o cronista aceitou as botas e se juntou aos outros.

Seguimos então para as obras. Essas obras têm o sêlo do grandioso e gigantesco. Ia o cronista escrevendo apocalítico, mas se deteve em tempo pelo compromisso de não dar a esta crônica aspecto literário. Isto é uma reportagem, gênero em que se há de empregar estilo simples e despretençioso. Abriu a Light um túnel na rocha viva, a duzentos metros, debaixo da montanha. Anda-se por êsse túnel, chapinhando na lama e na água que escorre das paredes, envolvidos pelo estridente ziar das máquinas de refrigeração, até sair-se na sala em que será instalada a usina. Esta sala, pelas suas amplas dimensões, em comprimento, largura e altura, é como se fôsse a nave de uma catedral.

Uma catedral se constrói em cima do chão. Mas aquela foi escavada na rocha. Ali é granito, uma das rochas mais duras que existem. Aquela pedra compacta, que é uma testemunha silenciosa da criação, porque vem do começo do mundo, ali dormia o longo sono das idades sem medida. Aquela pedra, que constitui a estrutura do planeta, é feita do mesmo material com que, por êsses espaços sem limites, também devem ser construídos os sóis e as estrêlas que povoam as galaxias do infinito. Pois aquela pedra, que, desde a criação do mundo, sômente fôra manejada pela mão onipotente de Deus, construindo continentes, modelando vulcões, erguendo cordilheiras ou desfazendo sua própria obra na destruição dos terremotos e cataclismas, foi ali

prosáicamente atacada e vencida pela atrevida mão do homem a tiros de dinamite e a golpes de picareta, manuseada por aquelas cabeças-chatas que surgiam dentro do túnel, espairecendo o seu domingo de folga. Foi vencida a montanha. O seu interior, rijo e compacto, nunca visto antes por outros olhos senão os de Deus, porque se escondia nas entranhas da terra, virgem de qualquer contacto desde que se estabeleceu no equilíbrio das estratificações sedimentares que veio depois da derradeira época geológica, foi rasgado pelo imenso poder da técnica e ali estava o vasio, que era a entranha indevassada de Paranapiacaba, pondo á mostra os seus quartzos, micas e feldspatos, agora expostos ao olhar curioso dos excursionistas, surpreendidos com a ousadia do empreendimento. Ali, onde antes repousavam as forças da gênese, se vão instalar as turbinas e os geradores e daqui a pouco aquela catedral excavada na profundidade da montanha, palpitará ao surdo rumor das pás em que a água se despenhará escachoando e pelo zumbido grave dos dínamos, gerando a energia que, no planalto de Piratininga, se transformará em luz, em frio, em calor, em rodar de rodas e farfarhar de correias, criando conforto, riqueza e poder.

Este é o milagre moderno da técnica, êste mirífico despertar de energias que dormiam irreveladas no seio da natureza, pela mão poderosa e realizadora do homem, que vai domando as forças telúricas e pondo-as a serviço do seu interesse, do seu conforto e do seu bem estar.

Contemplando aquela obra ciclópica (lá escapou inadvertidamente a imagem), o cronista ficou pensando uma porção de coisas. Não pensava somente nas magnificas conquistas da inteligência do homem, da sua fecunda iniciativa, do seu maravilhoso espírito de empreendimento e realização. Mas ficou pensando no que acontecerá, quando, daqui a dois ou três anos, aquela fantástica usina estiver funcionando. E então lembrou-se de um artigo de Sampaio Ferraz. Falava o articulista nas obras da usina do Cubatão e da reprêsa imaginada pelo velho Billings e realizada pela Light, nas alturas de Paranapiacaba. Se não se engana o cronista, que está citando de memória um artigo lido há cerca de vinte anos, Sampaio Ferraz dizia que alguém, ao acender uma lâmpada, com o breve gesto de acionar um comutador, não imagina que atrás daquêlê comutador estão anos e anos de esforços, águas contidas em comportas, quilômetros de tubulação fixados no dorso da montanha, máquinas assentadas mediante um trabalho

Na sede social, os Diretores da Light procedem à entrega dos prêmios aos vencedores do concurso fotográfico realizado por ocasião da visita às instalações da Light, e de lindas e sugestivas lembranças às senhoras que participaram do passeio.



tremendo tudo feito sob cálculo e vencendo a aspereza das rochas, a força imensa das águas, a resistência contínua da natureza.

O cronista aplicou a recordação ao caso desta nova usina. Daqui a poucos anos, uma mocinha gentil, para ler uma revista fútil, bastará acionar com o dedinho róseo uma chave de baquelite. Com esse gesto, terá luz no abajur, música no rádio ou gelo no copo. Não poderá, no entanto, a mocinha imaginar os ensurdecedores estrondos da dinamite, arrebatando a pedra, o esforço penoso dos cavouqueiros de picareta na mão, lutando contra a montanha, o suor, o trabalho, a fadiga dos anos em que se escavou aquela pedra tremendamente dura, para que a mocinha, com o simples virar a alavanca de um comutador, possa ter gelo, música ou luz. E antes ainda do esforço dos britadores ou do estopim dos mineiros, antes ainda do suor dos que empurravam vagonetas pesadas de pedra, antes do explodir das minas, houve os longos dias de estudos e de cálculos, as noites de vigília sobre as pranchetas de desenho, o trabalho para resolver as equações algébricas, que possibilitaram cavar os túneis, furar os poços, desmontar a serra. Não importa, porém, que a mocinha do futuro se lembre de que aquela luz que ela abriu tão facilmente na sua lâmpada, custou um penoso esforço de anos, de gente trabalhando sob a terra, como toupeira, debaixo de centenas de metros de rocha bruta, sob o perigo dos desmoronamentos e pagando ainda o tributo de vidas de engenheiros ou de humildes operários (apanhados igualmente pela infortuística e esmagados sob toneladas de pedra que caíram inesperadamente em virtude do fogo falhado das dinamites retardadas. Não importa, porque é assim mesmo que a civilização caminha — constroem uns para os outros e a soma do trabalho de todos é que vai criando a história.

Chapinhando na lama formada no chão do túnel pelas águas que a escavação da rocha desencadeou, ensurdecidos pelo estridor dos compressores e das bombas, saímos daquela galeria frouxamente iluminada, muitos de nós molhados pelos jorros de água que se despenham das frinchas e falhas da abóbada, ainda não tapadas pelos cimentos da obra terminada.

Fomos dali visitar a usina do Cubatão, aquela usina que começou no princípio do século pela visão de homens inteligentes que entendiam a fascinante realidade de São Paulo e previam a prodigiosa grandeza do seu futuro. Eles entenderam principalmente uma coisa das mais importantes. Sabiam que São Paulo tinha um porvir magnífico, pela sua posição de centro em que se cruzavam os caminhos, que já era centro importante antes do descobrimento, porque era por aqui que os índios pré-colombianos passavam em suas migrações de sul para norte, de norte para sul, do litoral para o sertão e do sertão para o mar. E sabiam esses homens que

se dotassem essa cidade de energia elétrica barata e abundante, criariam o milagre de hoje — a maior cidade do país, o mais opulento centro industrial do continente. E com os olhos voltados para o futuro, lançaram-se no magnífico empreendimento, que era dos mais ousados para a época, em que a produção de energia elétrica dava no mundo os seus primeiros e vacilantes passos.

Esta usina velha, pois, merece o nosso mais profundo respeito, porque contribuiu para a nossa grandeza de maneira decisiva. Está hoje insuficiente em relação com as nossas necessidades, que crescem diariamente, tanto que a Usina Piratininga foi construída para reforço da sua produção e a usina subterrânea está sendo construída para completar o vasto plano de eletrificação da Light. Mas foi sobre esta velha usina, povoada pelo zumbido grave dos geradores, que repousou até agora a responsabilidade de fornecer a São Paulo luz para suas noites de estudo, de trabalho e de amor e força para fazer rodar as máquinas da sua indústria.

Parado ali, diante de um dos velhos geradores, o cronista pensava que as grandes realizações de interesse coletivo, como aquela, exigem continuidade. A evolução e o progresso exigem que o presente seja digno do passado, a fim de garantir-se o êxito no futuro. No caso da Light essa continuidade existe, porque a mensagem dos Mackenzies e dos Billings de outrora, representada por estas rodas, estas bielas, estas comportas, está sendo respondida, palavra por palavra, nos empreendimentos de hoje. Para cada metro de fio que os antigos instalaram no dorso da montanha, os homens de hoje respondem com tiros de dinamite, nas obras da usina subterrânea, estremecendo e partindo em estilhas o seio pétreo de Paranapiacaba. A inteligência para conceber, a energia para empreender e a capacidade para realizar, que os homens do passado revelaram e deixaram aqui, marcando sua passagem, estão hoje em outras cabeças, em outras vontades, em outras mãos. Mas o espírito que animava outrora, vivifica hoje, com a mesma força, os planos da empresa, que continua a confiar no futuro de São Paulo e a realizar iniciativas ousadas como as que realizou no passado.

Era tarde já e os excursionistas estavam cansados. O passeio durara nove horas, não só de esforço físico, mas de emoções diferentes. Por isso, tomamos novamente os ônibus de volta e pouco antes das vinte horas chegávamos ao ponto de partida, na rua Formosa, onde dispersamos.

Antes de encerrar a crônica, é imperativo consignar a gentileza da Light, que nos proporcionou a bela excursão e a gentileza dos nossos guias, o consócio Milton Souza e as Senhoritas Isaura Brick e Maria Victoria Lemos do Amaral, que merecem os melhores elogios e têm direito ao nosso mais profundo reconhecimento.



"SOLIDAO"

Lindau Martins — FCCB





VAL EM SÃO PAULO

Ao empreender uma viagem de estudos por vários países, em cujas principais metrópoles trabalhou, não desconfiava Val que acabaria por enamorar-se de nossa São Paulo, com qual parece ter planos de casamento...

Tivemos oportunidade de ver seus trabalhos expostos no recinto do F. C. C. Bandeirante numa mostra realizada em fevereiro de 1955. Depois disto, entretanto, nada mais ouvimos falar dêle, e acreditávamos encontrar-se nosso artista em outras terras, dando prosseguimento à sua "tourné". Há dias, porém, tivemos oportunidade de encontrá-lo. Comunicou-nos sua decisão de permanecer no Brasil e, nesse sentido, acaba de dar o primeiro passo: estabeleceu seu "ninho" fotográfico à rua Marconi, 87, em conjunto com o Sr. Esko Murto, fotógrafo da Revista VISÃO, onde ambos esperam prestar serviços a artistas do país, bem como da Europa, e leigos de bom gosto. Nestas páginas, algumas das fotografias de Val. ***

O XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DE CINEMA AMADOR

Importante definição de "filme amador"

O último congresso da "Union Internationale du Cinema D'Amateurs (UNICA)" recentemente realizado em Angers (França), além das várias deliberações de rotina, tomou uma resolução de grande importância, para a qual chamamos a atenção dos cineastas amadores, e segundo a qual dever-se-á nortear, doravante, a inscrição dos filmes ao renomado concurso internacional que anualmente promove, — qual seja, a definição de "filme amador."

Diz essa resolução:

"É considerado filme amador, toda obra, produto do trabalho de uma ou mais pessoas físicas, dedicando-se à arte cinematográfica por distração e sem nenhuma preocupação de proveitos, mesmo para o futuro, com a condição expressa de que o ou os autores não vivem normalmente da obra cinematográfica."

Como vemos, uma resolução bastante drástica e restritiva, que exclue desde logo todo filme feito por profissionais, qualquer que seja sua função, mesmo que tal filme tenha sido feito apenas para distração e deleite do autor e mesmo que não tenha ou venha a ter qualquer caráter ou intuito comercial. Portanto, não é mais a natureza do filme, mas a condição do autor, que ditará a sua qualificação como amador ou não. Por outro lado, o filme de amador não poderá, nem no futuro, ser fonte de proveitos para o autor, sob pena de não poder disputar os valiosos trofeus conferidos pela UNICA e perder o amador, automaticamente, esta sua condição.

* * *

Para o exercício de 1956 foi eleita a seguinte Diretoria da UNICA:

Presidente: Sr. Henri Zwicky (Suíça);
1.º Vice-presidente: Sr. André Avelle (França);
2.º Vice-Presidente: Conde Annoni di Gussola (Itália);
Secretário Geral: Sr. Jean Fauconnier (Bélgica).

XV SALÃO INTERNACIONAL DE ARTE FOTOGRAFICA DE SÃO PAULO

Foram já iniciados os preparativos para a realização, em outubro próximo, do XV SALÃO INTERNACIONAL DE ARTE FOTOGRAFICA DE S. PAULO, promovido, como sempre, pelo Foto-cine Clube Bandeirante.

Certame de renome internacionalmente firmado como uma das mais importantes mostras de fotografia artística que se realizam no mundo — tal o rigor da seleção e conseqüente alta qualidade das obras expostas, demonstrativas das imensas possibilidades da fotografia como meio de interpretação e criação artística — a êle acorrem, todos os anos, os mais renomados artistas e as mais credenciadas entidades fotográficas do país e do estrangeiro.

Rege-se o Salão pelas normas internacionalmente adotadas e recomendadas pela "Federation Internationale d'Art Photographique" (FIAP) e "Photographic Society of America" (P. S. A.), que são, em resumo, as seguintes:

1) cada concorrente poderá inscrever até 4 trabalhos em cada secção: a) secção "branco e preto" e b) secção "côr";

2) os trabalhos poderão obedecer a qualquer tema ou processo, com exceção de fotografias coloridas a mão, e deverão ter a dimensão mínima de 24 cts. no lado menor e máxima de 50 cts. no lado maior;

3) os trabalhos deverão ser enviados todos sem montagem, inclusivé os dos concorrentes de S. Paulo. A montagem será procedida pelo F. C. C. Bandeirante;

4) no verso de cada trabalho, deverão constar o título da fotografia e o nome e endereço do autor, claramente escritos;

5) os concorrentes deverão preencher o boletim de inscrição e enviá-lo com os trabalhos e a taxa de inscrição de Cr\$50,00, à sede do F. C. C. Bandeirante;

6) a todos os concorrentes será comunicado o resultado da seleção e enviado o catálogo do salão e etiquetas dos trabalhos admitidos;

7) O PRAZO PARA INSCRIÇÕES E ENTREGA DOS TRABALHOS SERÁ ENCERRADO, IMPRETERIVELMENTE, NO DIA 20 DE AGOSTO p. f.

Os boletins de inscrição e regulamento já estão sendo distribuídos, podendo ser solicitados, bem como quaisquer outros esclarecimentos, à secretaria do F. C. C. Bandeirante, rua Avanhandava 316, S. Paulo.

★ Aperfeiçõe-se na arte fotográfica, ingressando no Foto-Cine Clube Bandeirante ★

Resenha das Principais Atividades Mensais do F.C.C.B.

PALESTRA

Tendo por tema "A PERCEPÇÃO DA FORMA E SUA RELAÇÃO COM O FENÔMENO ARTÍSTICO", o Prof. Caetano Fraccaroli, realizou na sede social do FCCB., perante numerosíssima assistência, magnífica conferência, à qual se seguiram animados debates.

EXCURSÃO

Iniciando o programa de 1956, foi realizada com a presença de grande número de associados e pessoas de suas famílias, no dia 29 de janeiro último uma excursão às históricas minas de Ipanema, próximo a Sorocaba, onde os excursionistas almoçaram.

SEMINÁRIOS

Prosseguindo nesta interessante prática, mais dois seminários foram realizados, a 16 de fevereiro p.p., sob a orientação do Dr. Alfio Trovato, e a 19 de março último, sob a orientação de Pietro Troiani, ambos bastante concorridos e animados, debatendo interessantes problemas ligados à arte e técnica fotográfica.

CURSO DE ILUMINAÇÃO

Foram abertas e logo preenchidas, as inscrições para o 6.º Curso de Iluminação em Estúdio, sob a orientação do Sr. Tufy Kanji, e que foram ministradas aos sábados, durante os meses de fevereiro e março últimos.

CONCURSOS INTERNOS

A classificação de 1955:

De acôrdo com o regulamento dos concursos internos do FCCB., foi procedida a classificação geral dos concorrentes aos concursos internos, tendo se verificado os seguintes resultados:

Concursos em branco e preto: Seniors: 1.º lugar, Eduardo Salvatore e Marcel Giró, empataados com 130 pontos; 2.º lugar, José Mauro Pontes, com 120 pontos.

Juniors: 1.º lugar, Herros Cappello, com 140 pontos, e 2.º lugar, Eigyrio Sato, com 80 pontos.

Novíssimos: 1.º lugar, Newton Chaves, com 220 pontos; 2.º lugar, Alberto Scaff, com 150 pontos; 3.º lugar, Eduardo Ayrosa e Henrique Hirschfeld, com 120 pontos.

Aspirantes: 1.º lugar, Emil Issa, com 320 pontos; 2.º lugar, J. Claudio Simões, com 190 pontos; 3.º lugar, Paulo Suzuki Hide, com 150 pontos.

Secção "Côr":

Seniors: 1.º lugar, William Brigato, com 100 pontos.

Juniors: 1.º lugar, Herros Cappello e Marcel Giró, com 300 pontos.

Novíssimos: 1.º lugar, José F. Federico, com 290 pontos; 2.º lugar, Newton Chaves, com 240 pontos.

Aspirantes: 1.º lugar, Emil Issa, com 370 pontos; 2.º lugar, José Q. Mattoso, com 290 pontos.

PROMOÇÕES NOS CONCURSOS INTERNOS

Nos termos do regulamento foram promovidos: Secção branco e preto: de novíssimo para juniors: Newton Chaves e Eduardo Ayrosa; de aspirante para novíssimo: Emil Issa, Bernardo Meyer e José Claudio Simões. Secção côr: de junior para senior: Herros Cappello e Marcel Giró; de novíssimo para junior: José Federico e Newton Chaves; de aspirante para novíssimo: Emil Issa e José Q. Mattoso.

O CALENDÁRIO PARA 1956

Para os próximos meses, os concursos internos obedecerão ao seguinte temário:

Mês	Branco e Preto	Côr
Março	livre	—
Abril	cenas de rua e retratos ao ar livre	movimento e marinhas.
Maio	livre	—
Junho	Detalhes e "table-top"	livre
Julho	livre	—
Agosto	Arquitetura e Interiores	Retratos e animais.
Setembro	Não haverá concursos, com a realização do XV SALÃO INTERNACIONAL DE S. PAULO	
Outubro		
Novembro	livre	—
Dezembro	Composições naturais e Abstrações	livre

PRÊMIOS ESPECIAIS

Oferecidos pela FOTOPTICA, serão conferidos, todos os meses, aos autores dos melhores trabalhos nos concursos internos em branco e preto, em cada categoria, prêmios em material fotográfico.

No mês de janeiro último, obtiveram esses prêmios, a Sra. Gertrudes Altschull (senior), Herros Cappello (junior), Lindau Martins (Novíssimo) e Raul Chama (aspirante), cujos trabalhos são reproduzidos neste número e foram expostos na vitrine de a Fotoptica, à rua São Bento n.º 294. Os trabalhos dos membros das comissões julgadoras, não participam da premiação.

CURSO DE FOTOGRAFIA

Com grande êxito prossegue o curso de fotografia para principiantes que o Foto-cine Clube

Bandeirante organizou, tendo sido ultrapassado de muito o número previsto para a organização das turmas.

O curso, que compreende 16 aulas teóricas, além das aulas práticas de laboratório e tomada de fotografias, está sendo ministrado, tôdas as terças-feiras, às 20,30 horas, na sede social do FCCB., estando as aulas a cargo dos Srs. Dr. Alfio Trovato, Dr. Armando Nascimento Jr., Prof. Odilon Amado, Sr. Tufy Kanji, Dr. Eduardo Salvatore e Dr. José V. E. Valenti.



V E N D E D O R

COMPANHIA IMPORTADORA procura pessoa jovem com conhecimentos no ramo de fotografia, para trabalhar como vendedor e demonstrador.

Enviar carta acompanhada de uma fotografia, fornecendo detalhes completos com relação a experiência, idade e salário desejado á

caixa postal 225 - São Paulo

CEL Construções Elétricas Ltda.

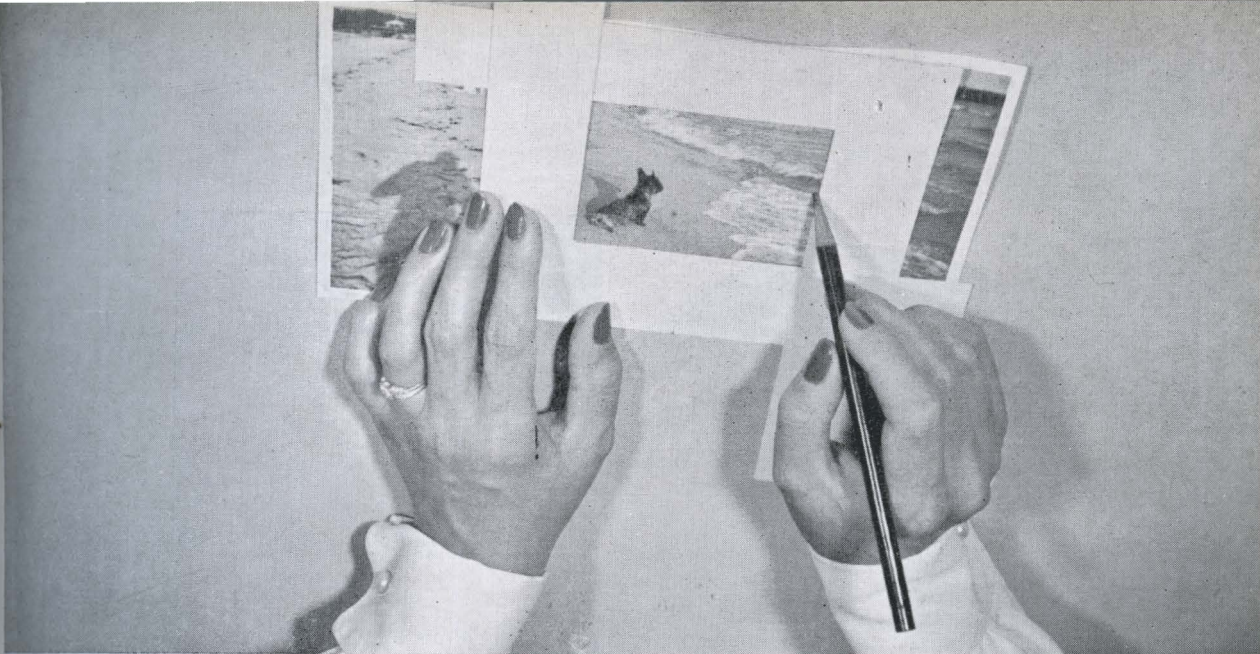
Av. Ipiranga 674 - 9.º - s/903 - Tel. 35-4473
Linhas de transmissão e distribuição de energia elétrica.

HEMEL Hidro-Eleto Mecânica de Engenharia Ltda.

★
Av. Ipiranga 674 - 9.º - s/904 - Tel. 36-6263
Projetos e execução de instalações elétricas industriais e prediais.



- Nosso movimento está caindo muito e acho que já sei qual a razão.



PAPÉIS FOTOGRÁFICOS

Kodak-Wessel

Como é de conhecimento do snrs. consumidores em geral, há pouco mais de um ano esta antiga fábrica de papéis fotográficos está sendo operada sob a responsabilidade e contróle técnico da KODAK — de renome mundial, e sua qualidade é hoje tão reconhecida que constitui um timbre de honra para a indústria Brasileira e se compara favoravelmente com produtos similares importados.

Com esta contribuição, Kodak põe ao alcance dos studios, laboratórios e indústrias em geral, um produto de notável qualidade nos mais diversos tipos, superfícies, graus de contraste e tamanhos.

Para trabalhos por contáto

URUPEX — pêsos simples e duplo
LABOREX — pêsos simples
OSIRIS — pêsos duplo

Para ampliações

RICOBROM — pêsos simples e duplo
BROMATON — pêsos duplo
DOCUMENTO —
CARDIOBROM —
JARDIM —

Contribua para o engrandecimento da
INDÚSTRIA BRASILEIRA
usando

PAPÉIS FOTOGRÁFICOS

Kodak-Wessel

KODAK BRASILEIRA S. A.
SÃO PAULO — RIO DE JANEIRO — PORTO ALEGRE



... NO BOCAL DO APARELHO



UM CONSELHO
DA

E não fale excessivamente alto. Qualquer incorreção no falar ao telefone prejudica e torna desagradável a audição. No telefone, é a sua voz que o representa.

COMPANHIA TELEPHONICA BRASILEIRA